

QUAL ESCOLHA ESTAMOS FAZENDO?

Em um cenário de desafios globais, a capacidade do planeta de sustentar o desenvolvimento humano está cada vez mais comprometida, com alterações que nos levam à zona de perigo do clima, com alto risco de colapso da biodiversidade. A tomada de consciência quanto à necessidade da adoção de práticas sustentáveis é emergente, já que, em meio século, fomos capazes de tirar o planeta da estabilidade mantida nos últimos 10 mil anos.

Toda transformação parte da percepção de que um comportamento ou realidade já não fazem sentido, abrindo espaço para o surgimento de alternativas com potencial de alcançar resultados mais satisfatórios. Não podemos transformar sem consciência, intenção e ação, um movimento que altera práticas individuais, coletivas e institucionais.

Na semana em que é celebrado o Dia da Árvore, cabe refletirmos sobre a mudança de cultura de grandes potências e de comportamento para todas as pessoas, atitudes necessárias para a preservação do meio ambiente. O reflorestamento nunca foi tão essencial para a sustentabilidade e a manutenção de nações e instituições que desejam perpetuar sua história e se firmar como modelo de gestão responsável.

Quando falamos em sustentabilidade, portanto, pequenas atitudes têm potencial de incentivar a comunidade e de impulsionar mudanças substanciais. As nossas escolhas são responsáveis por prover a mudança no planeta Terra, já que nós, seres humanos, somos a força dominante.

Assim, reduzir desperdícios nos traria mais perto de uma zona segura para o clima, como com a adoção de outras práticas possíveis: o plantio de árvores, a escolha por energia de fontes renováveis, a redução da produção e descarte de lixo. São escolhas que podem mudar o futuro na Terra.

Neste sentido, temos a grande responsabilidade de tomar atitudes decisivas, de conscientizar indivíduos e estimulá-los ao exercício do protagonismo no curso da mudança e da autoresponsabilidade. Um movimento que ganha força quando muitos despertam para a causa ambiental e social, para os impactos de uma relação saudável com a natureza e com o próximo, plantando uma semente de transformação, com consequências a serem colhidas, inclusive, no curto prazo. Parece simples, mas se todos passam a agir com foco em preservar o meio, juntos, evitaremos o fim.

Leila Brito

Gestora do Núcleo de Desenvolvimento Estratégico,
Assistencial e Inovação da Fundação José Silveira

Este artigo foi publicado no jornal A TARDE, em 23/09/2022, na editoria Opinião/página A3.